

O CONCEITO DE GÊNERO NA LITERATURA LINGÜÍSTICA

Alaide Aparecida dos Santos Fernandes¹

RESUMO

O conceito de gênero não é consensual na literatura lingüística. Termo parassinônimo de tipo, reveste-se de vários sentidos, de acordo com os contextos de uso. Este artigo confronta o uso do termo por vários teóricos, de períodos e linhas distintos, apresentando as diferentes conotações do termo.

PALAVRAS CHAVE

Gênero de texto; gênero de discurso; tipo de texto; tipo de discurso.

ABSTRACT

The concept of genus is not consensual in the linguistic literature. Parasyonym term of type encompasses various meanings according to contexts of use. This article compares the use of term by various theoreticals of different periods and lines, presenting the different connotations of the term.

KEY WORDS

Genus of text, genus of discourse, type of text, type of discourse.

INTRODUÇÃO

Atualmente são muitos os teóricos que estudam os processos de compreensão e produção, a partir dos gêneros textuais. Enquadram-se nesse grupo os estudos de Swales(1990), Schenewly (2004), Scheneuwly e Dolz(2004), Bronckart(1999) e Marcuschi (2000) para os quais o ensino baseado nos gêneros produz um aprendizado mais adequado

¹ Mestre e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Professora e Coordenadora do curso.

da língua, tanto da oralidade como da escrita. Conceito fundamental de tais estudos, o termo gênero parece ser uma opção terminológica feita a partir das abordagens com que as diferentes teorias tratam seu objeto. Em se tratando de texto e discurso, percebe-se uma oscilação entre os termos *tipo* e *gênero*. Tais termos podem ser entendidos como sinônimos, já que ambos podem definir componentes de uma dada categoria. No entanto, o que se observa, na literatura lingüística, é que estes termos, no contexto de uso, explicitam enfoques diferenciados de se estudar a linguagem. Enquanto um focaliza os aspectos lingüísticos, o outro focaliza os aspectos discursivos, ou seja, as interações verbais.

Dado que os conceitos são sempre determinados pelo ponto de vista, o conceito de gênero só será elucidado a partir das diversas teorias que o empregam. O próprio Todorov (1980), referindo-se aos gêneros literários, afirma que “os gêneros existem a diferentes níveis de generalidade e o conteúdo dessa noção se define pelo ponto de vista escolhido”, razão pela qual este artigo de revisão bibliográfica tem por objetivo apresentar a noção de gênero adotada por vários teóricos de linhas e períodos distintos. Para tanto foram selecionados autores representativos em suas áreas e que utilizam o conceito em questão.

Numa concepção estruturalista, gênero designa uma classe de texto, o que pressupõe uma classificação, ou seja, uma tipologia. Fruto do estruturalismo, as tipologias existem pela necessidade de melhor se estudar um objeto que se multiplica em face de sua heterogeneidade, para tanto, apresentam uma base de tipologização que é determinante na definição das categorias que hierarquizarão. A essas categorias denominam-se gêneros ou tipos. Nesse sentido, podemos entender gênero e tipo como parassinônimos, daí a possibilidade de empregá-los indistintamente.

O mesmo conceito categorizador do termo é encontrado na retórica antiga, na classificação aristotélica dos discursos em três gêneros: deliberativo, judiciário e epidítico, categorias estas definidas em função dos objetivos e dos contextos de tais discursos. Assim, o primeiro era usado no tratamento de

questões ligadas à administração da *polis*, em que o orador tinha por objetivo aconselhar ou desaconselhar a tomada de decisões; o segundo visava a destruir argumentos contrários numa situação de ataque / defesa; e o último era usado quando se pretendia elogiar ou censurar as ações tomadas por alguém, cumprindo, portanto, uma função social e ética (MOSCA,1997).

Também em Platão encontramos o mesmo conceito para designar as formas literárias fundamentais: o lírico, o épico e o dramático. Pertenceriam ao gênero lírico as obras em que o autor é protagonista; ao gênero épico, as obras em que o autor é espectador; ao gênero dramático, as obras em que o autor é coordenador dos eventos(TAVARES,1978). Desde então, podemos dizer que a Literatura apossou-se do termo gênero para designar não apenas essas três formas literárias básicas, mas também para se referir às mais variadas categorizações: prosa e poesia; epopéia, romance, conto e novela; soneto, trova e balada...

Hoje, o estudo do gênero não é exclusivo da Literatura. A ciência Lingüística, a partir do advento da Lingüística Textual e depois com a Lingüística do Discurso, passou a se preocupar com os gêneros, utilizando o termo para designar uma categoria distintiva de discurso, de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias(BRANDÃO, 2000). Nesse sentido, todo texto / discurso configura-se num gênero.

O que mudou? Enquanto resultado de um processo de categorização, o conceito permanece inalterado, ou seja, um gênero é sempre um recorte que se faz num todo. O enfoque, entretanto, adotado pelas teorias que tratam do gênero é que provoca recortes específicos, determinando a noção de gênero.

A Lingüística firmou-se como uma ciência sob o paradigma estruturalista, e mesmo quando ela mudou seu enfoque de estudos, deixando a frase para ocupar-se do texto, os procedimentos adotados para tais estudos conservaram os métodos do antigo modelo, daí a as tentativas de classificação dos textos por meio das várias tipologias cujas categorias, como explicitado acima, podem ser denominadas de gêneros ou tipos. Nesse sentido, todo texto configura-se como um gênero ou como um tipo de uma categoria dada.

Com esse procedimento metodológico, os estruturalistas buscavam um modelo que desse conta dos vários tipos de texto e para tanto, elegiam determinados critérios ou base de tipologização. Esse modelo pode ser entendido como uma estrutura abstrata da qual derivariam os textos, estruturas concretas.

Essas tipologias não prevêm espaço para o heterogêneo, apenas para o generalizado. São dessa natureza as tipologias cognitivas, assim chamadas porque baseiam-se no modo de organização cognitiva dos conteúdos (BRANDÃO, 2000), critério que permite classificar os textos em narrativo, descritivo e dissertativo, classificação tradicional com a qual todos estamos familiarizados. Cada categoria dessa pode ser entendida como um gênero, o que justifica dizer que, neste caso, o conceito de gênero confunde-se com o de tipo.

Nesse sentido, quando Todorov (1980) trata dos gêneros do discurso, ele o faz numa perspectiva estruturalista, referindo-se aos aspectos lingüísticos das obras, tendo como universo os textos literários. Para ele, o gênero nada mais é do que uma codificação de propriedades discursivas, razão pela qual não distingue texto de discurso, considerando-os sinônimos.

Atualmente, com o advento da Análise do Discurso, área de estudos lingüísticos que focaliza as interações verbais, o conceito de gênero associa-se ao uso da linguagem numa perspectiva sócio-comunicativa. Sob esse enfoque, a linguagem é vista como forma de ação orientada para objetivos específicos e em interdependência com as ações não verbais. A tese sustentada pelas teorias interacionistas sócio-discursivas é a de que as *condutas humanas são o resultado de um processo de socialização, possibilitado especialmente pela emergência e pelo desenvolvimento dos instrumentos semióticos*. Dentro dessa abordagem, a utilização da língua se dá por meio de enunciados que constituem os gêneros do discurso, definidos por Bakhtin (2000) como tipos relativamente estáveis de enunciados, utilizados nas diferentes esferas de comunicação. O conceito de gênero designa, pois, “uma forma padrão e

relativamente estável de estruturar um todo”, no caso, o discurso que possibilitará a interação social.

Este conceito de gênero parece ser consensual, atualmente, entre os teóricos sócio-interacionistas que têm, como ponto de partida, os estudos de Bakhtin acerca do discurso.

De acordo com este autor, o gênero do discurso é histórico, já que, dependendo do momento, as sociedades se utilizam de determinados enunciados. Apesar da variedade e da rotatividade dos gêneros, pode-se identificar neles três unidades: um conteúdo temático, que é o que se pode dizer por meio do gênero; uma construção composicional que diz respeito à estrutura particular dos textos pertencentes ao gênero; e um estilo que diz respeito à seleção operada nos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, determinadas pela posição enunciativa do locutor e que resulta nos conjuntos particulares das seqüências textuais. Enquanto tema e estrutura composicional são unidades sociais do gênero, o estilo constitui-se na sua unidade individual.

Bakhtin (2000) distingue gêneros primários de secundários. Os primeiros participam das interações verbais espontâneas, portanto, primam pela oralidade, como se dá com a réplica do diálogo cotidiano e até com a carta pessoal que, apesar de escrita, mantém os traços da oralidade; enquanto que os últimos são utilizados em situações de comunicação cultural mais complexas, de maior formalidade, sendo, portanto, dependentes da escrita, como acontece com o romance, o texto teatral, o discurso científico, por exemplo.

Como tais estudos fundamentam-se nos componentes interacionais, o enfoque dado ao estudo do gênero é outro, tendo sido o conceito ampliado para além dos aspectos lingüísticos característicos das tipologias tradicionais. Em decorrência dessa mudança, o emprego do termo gênero parece ter privilegiado mais o contexto interacionista, enquanto que o termo tipo ficou mais restrito ao contexto lingüístico, tal como utilizado por Bronckart, quando trata dos *tipos* de discurso, referindo-se às seqüências lingüísticas constituintes dos

diversos gêneros textuais: seqüências narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas e dialogais.

Bronckart (1999), ao usar os termos *gênero* e *tipo*, associa-os, respectivamente, a texto e discurso. Este autor emprega gênero de texto para referir-se a conjunto de textos com características semelhantes, considerando-se a interação, ou seja, a forma comunicativa de usar a linguagem. Nesse contexto, os gêneros são meios sócio-historicamente construídos para realizar os objetivos de uma ação de linguagem, podendo ser entendidos como megainstrumentos mediadores das atividades dos seres humanos no mundo. Ao utilizar a expressão tipo de discurso, o autor refere-se às formas lingüísticas que são identificáveis nos textos e que traduzem a criação dos mundos discursivos (mundos virtuais em que os tipos de discurso se baseiam) específicos, sendo esses tipos articulados entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos que conferem ao todo textual sua coerência seqüencial e configuracional. Em outras palavras: os tipos são formas de organização lingüística, em número limitado, com os quais são compostos, em diferentes modalidades, todos os gêneros textuais.

Também Marcuschi (2000), num trabalho de revisão feito recentemente, define gênero como formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas e dotadas de natureza sócio-comunicativa. Enumera alguns gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, instruções de uso, outdoor... Por outro lado fala em tipo_ como construtos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas, citando como exemplos a narração, a descrição, a injunção e a exposição.

Ainda seguindo a concepção sócio-interacionista de linguagem, Brandão faz consideração a gêneros do discurso e a tipos de textos, explicitando o enfoque diferenciado de duas teorias lingüísticas: a análise do discurso e a lingüística textual. Nesse sentido, o termo *gênero* designa a perspectiva sócio-

histórica de se tratar a linguagem, enquanto que o termo *tipo* designa a materialidade lingüística resultante da textualização.

Schneuwly (2004), mestre genebrino que desenvolve pesquisas pedagógicas fundamentadas no conceito de gênero, define-o como um instrumento, no sentido de que é mediador das ações verbais. Para constituir-se como tal, precisa ser apropriado pelos indivíduos e essa apropriação ocorre à medida que eles constroem esquemas de utilização do gênero. São esses esquemas que permitirão que o indivíduo escolha, dentre a variedade de gêneros disponíveis nas esferas sociais, aqueles que são os mais adequados à situação comunicativa, considerando-se o destinatário, o conteúdo e a finalidade específica com que o gênero será utilizado.

Dada a complexidade dos gêneros que se organizam em diferentes níveis, para permitir realizar uma ação de linguagem, numa situação particular, Schneuwly criou uma outra metáfora para referir-se a eles – mega-instrumentos - numa referência a este aspecto articulador que tem o gênero nas mais diversas situações discursivas.

Essa mesma concepção sócio-interacionista de gênero permeia os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento produzido pelo MEC com o intuito de ser um referencial na renovação e reelaboração de propostas curriculares para o ensino fundamental.

As propostas metodológicas apresentadas pelos PCN prevêm que as práticas de ensino devem ter, como pontos de partida e de chegada, o uso da linguagem que, na interação, se traduz em atividades de recepção e produção de textos, já que é por meio destes que a interação se dá. Estes textos pertencem a um determinado gênero.

De acordo com esse documento, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino e, para tanto, privilegia alguns gêneros que deverão ser trabalhados pela escola em atividades de recepção e produção de textos, quer sejam orais ou escritas.

Os gêneros textuais foram elencados nesse documento, levando-se em conta os usos sociais mais freqüentes, sendo

assim, propõem, para as quatro primeiras séries do ensino fundamental, para atividades de linguagem oral, gêneros como: contos, poemas, piadas, instruções, rótulos, relatos, anúncios, seminários e palestras. Para as atividades de linguagem escrita, propõem, entre outros: receitas, listas, bilhetes, cartas, contos e relatos.

Para as quatro séries finais propõem, para atividades de linguagem oral, os gêneros: canção, textos dramáticos; notícia, entrevista, debate e depoimento; exposição e seminário. Para as atividades de linguagem escrita, propõem: crônica, conto, poema; notícia, artigo, carta do leitor e entrevista; relatório de experiências, esquema e resumo de artigos ou verbetes de enciclopédia.

A opção terminológica dos PCN é pelas expressões *gêneros de texto* e *gêneros do discurso*, numa distinção entre interlocução e sua manifestação lingüística, embora sua preocupação com o processo de textualização justifique o uso de tais expressões como sinônimas.

Todas essas conotações encontradas no emprego do termo *gênero*, apesar de apontar para uma certa estabilização do contexto das teorias sócio-interacionistas, indicam que nem sempre há esse mesmo consenso no uso do referido termo por todos que o empregam, razão pela qual a referida noção dependerá sempre do contexto de uso.

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, M. Os gêneros do Discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRANDÃO, H.N. (org.) *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.

BRONCKART, J.P.- *Atividade de linguagem, textos e discursos – por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

MARCUSCHI, L.A. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: UFR, 2000.

MOSCA.L.L.S – *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 1997.

SCHEUWLY,B. – Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. *In:SCHEUWLY,B. e DOLZ,J.ET ALL. Gêneros orais e escritos na escola..* Campinas,SP: Mercado de Letras, 2004.

SWALES,J.M. *Genre analysis: English in academic and research settings* New York: Cambridge University Press,1990.

TAVARES, H. – *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada,1978.

TODOROV. T. – *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Martins Fonte, 1980.